


ISSN 1646-4202

museal

N.º 3 | MAIO DE 2008 | REVISTA DO MUSEU MUNICIPAL DE FARO



Museus de fronteira.
Fronteira como museu.

Ficha Técnica

Título

MUSEAL – Revista de Museologia do Museu Municipal de Faro

Edição

Câmara Municipal de Faro/ Museu Municipal de Faro

Presidente da Câmara

José Apolinário

Vice-Presidente

Augusto Miranda

Departamento de Cultura e Património

Conceição Pinto

Divisão de Museus/Direcção MUSEAL

Dália Paulo

Investigador responsável

Luís Jorge Gonçalves

Conselho Científico

António Nabais

Clara Camacho

João Brigola

José d'Encarnação

Rui Parreira

Textos

Aida Rechená

António Nabais

Dália Paulo

Dulce Helena Pires Borges

João Carlos Brigola

João Ventura

José d'Encarnação

Juan Valadés Sierra

Luís Jorge Gonçalves

Manuel Calado

Manuel Coronilla Castro

Maria José Peres del Castillo

Olga Duarte Piña

Samantha Coleman Aller

Design

Sandra Guerreiro – Museu Municipal de Faro

Logótipo

Ideias em Baú, Comunicação e Marketing, Lda

Tradução

Luís Santos – Museu Municipal de Faro

Revisão inglês

Ruth Gale

Impressão

Gráfica Comercial

Depósito Legal

242162-4202

ISSN

1646-4202

Data

Maio de 2008

Tiragem

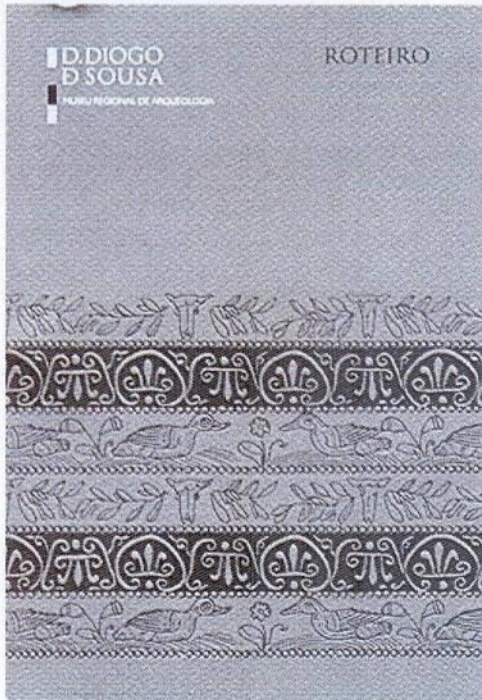
1000 exemplares

Solicita-se permuta.

Se solicita permuta.

We request Exchange.

On prie l'échange.



Isabel SILVA (coord.), *D. Diogo de Sousa, Museu Regional de Arqueologia, Roteiro*. Edição do Instituto Português de Museus, 2005. 144 pág. ilustradas. ISBN: 972-776-236-0.

Aprecio, cada vez mais, a originalidade com que os *designers* gráficos nos aliciam a folhear agradavelmente um livro, mormente um livro dito «de prestígio». Mas, tal como a polémica facilmente se instala entre o arqueólogo (homem prático) e o arquitecto (visionário), também amiúde o *designer* se deixa inebriar pela sedução do belo e oblitera o objectivo a atingir.

Essa, a primeira impressão que nos surge, ao pegarmos no agradável roteiro do Museu D. Diogo de Sousa, de Braga: primeiro, porque se escolheu para o texto uma ténue cor de tinta, que nos obriga a redobrado esforço visual; depois, porque, com o requinte do grafismo da capa, acabamos por não saber exactamente como é que a obra se deve citar (e o que vem escrito na lombada também nada esclarece); finalmente, porque a mancha a duas colunas, sendo a interior muito junto da lombada, obriga a forçar a 'abertura', correndo-se rapidamente o perigo de tudo esgaçar. Dir-se-á que é para impedir as fotocópias; pode ser, pode; mas...

não dá jeito nenhum à leitura!

É toda de negro a capa do livro; a sobrecapa protectora apresenta-se, porém, castanha e com um elegante desenho em relevo a reproduzir, decerto, um motivo decorativo de não fácil identificação no interior.

Como roteiro que é, pretende conduzir o leitor-visitante através da exposição permanente, que está, naturalmente, organizada por ordem cronológica e temática.

Assim, depois de se historiar o que foi a génese do museu e das suas colecções assim como o projecto de arquitectura actual, que procurou bem integrar o imóvel na malha urbana de Braga, entramos na Pré-História Antiga do Minho, pelas mãos de José Meireles; António Martinho Baptista gui-nos pelo mundo da arte rupestre; Ana Bettencourt inicia-nos nas vidas dos primeiros agricultores e pastores do Noroeste assim como nas das gentes que por ali viveram na Idade do Bronze; Manuela Martins conta-nos da Idade do Ferro e Maria José Sousa encanta-nos com a ourivesaria pré e proto-histórica.

Bracara Augusta constitui, como não podia deixar de ser, o núcleo forte do museu. Desta forma, Manuela Martins explica-nos como é que a cidade e o Noroeste se integraram no mundo romano; de parceria com Rui Morais, conta-nos das actividades económicas (circulação monetária, importações, produções locais); e mostra-nos como se organizaram, então, os espaços públicos e os espaços privados; eu tive oportunidade de me referir às divindades e ao seu culto, mas de pronto cedi de novo o lugar a Manuela Martins que nos relata o que escavou nas necrópoles e o muito que ora já se conhece sobre a rede viária que ligava *Bracara Augusta* ao resto do mundo. Braga não acabou, todavia, quando os Romanos partiram. Pelo contrá-

rio, continuou a ter vida intensa! E lá está a experiência de Luís Fontes a dizer-nos como se construiu o mundo suevo: S. Martinho de Dume, S. Frutuoso de Montélios, Santa Marta da Falperra...

Completam o volume um glossário, a bibliografia e a planta do museu.

Justo é realçar o bom trabalho da Divisão de Documentação Fotográfica do IPM e a excelente qualidade gráfica do conjunto – que, tal como na gastronomia, «os olhos também comem» e... facilmente ficamos seduzidos pela excelência das peças que já algumas décadas de mui perseverante investigação em *Bracara Augusta* acabaram por nos proporcionar. E, como sói dizer-se, ainda a procissão vai no adro, pois novas e importantes descobertas se anunciam.

Como Museu Regional de Arqueologia, o de D. Diogo de Sousa continuará, pois, a ter como parceiros privilegiados no seu labor os arqueólogos da Universidade e o Gabinete de Arqueologia camarário. Um programa museológico vivo, dinâmico, capaz de assimilar as novidades e de continuar a surpreender quantos o visitam.

Por isso, este Roteiro é eloquente amostra e, também, mui saboroso aperitivo!

José d'Encarnação

